



José Gabriel Avila*
jgazores@gmail.com

É preciso repensar os Açores

“O repto que lanço aos governantes locais e regionais e a todos os agentes económicos é este: Vamos repensar o futuro dos Açores. Com todos: académicos, agentes económicos, sindicais, políticos, autarcas, instituições culturais, civis e religiosas – todos quantos se interrogam sobre: que amanhã pretendemos deixar aos vindouros.”



Era domingo, por volta do meio dia. Junto a um populoso bairro citadino, um rapaz na casa dos 20/30 anos, revolvía um grande contentor de lixo, espalhando pelo chão roupa e sacos plásticos, à procura de restos de comida, pois a fome quando aperta não se sacia nem com água, nem com estupefacientes.

Exemplos destes voltam, a ser frequentes, como os de outros que batem às portas, pedindo “dinheiro para comprar gás” e “leite para os pequenos”. Muitos adultos têm vergonha de revelar as suas necessidades básicas e encobrem a pobreza com subterfúgios.

Não há estudos recentes que revelem a verdadeira face da atual situação económica e social dos Açores.

Os dados do desemprego¹ registado em janeiro do corrente ano: 7,032 pessoas à procura de primeiro e novo emprego (66,5% em São Miguel, 19,7% na Terceira, 4% no Pico, 3,8% no Faial e 2,3% em São Jorge), refletem-se em baixos rendimentos familiares e em evidentes situações sociais e psicológicas, resultantes do aumento da precariedade laboral, dos baixos salários e do acentuar das desigualdades sociais. Entre 2009 e 2019 o risco de pobreza nos Açores já era o maior do país – 31,8% e deverá ter-se agravado substancialmente.

Em abril de 2020, Ezra Klein em artigo publicado no El País, afirmava que “a Terra corre o risco de cair numa espécie de depressão social.” Semelhantes são as declarações da economista Nádya Simões, professora no ISCTE, ao jornal “Observador”:² “a Covid-19 está a desvelar de forma muito brutal os enormes desequilíbrios da nossa economia e as vincadas assimetrias sociais e territoriais. Neste sentido os que já se encontram numa situação vulnerável e precária são aqueles que estão a sofrer mais com a crise sanitária e com a crise sócio-económica”².

O retrato que falta

Quantos são? Como vivem? Quem ajuda essas periferias humanas a ultrapassar situações de pobreza, depressão e isolamento? Não há dados concretos.

Compete, porém, aos organismos públicos e privados, às instituições de solidariedade social, aos organismos religiosos, às IPSS, às escolas e à sociedade em geral mobilizarem-se para conhecer, em profundidade, como vive a sociedade açoriana.

Nos últimos dias alguns organismos representativos de setores empresariais e sindicais tomaram posição sobre o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR-Açores). Reclamaram a revisão do Plano e a atribuição de mais verbas para o setor produtivo, para a recapitalização de empresas, requalificação dos recursos humanos, transição digital com prioridade para o combate à pobreza e exclusão social.

Nessa parceria de entidades não figuram, porém, instituições ligadas nem à economia social, nem à solidariedade social, como as Misericórdias, cujo papel nesta pandemia tem sido extraordinariamente importante na proteção aos idosos e na preservação da saúde pública.

A ideia que se tem é que a Parceria de instituições privadas pretenda marcar posição para obter uma importante fatia dos dinheiros vindos da UE, a pretexto de uma recuperação empresarial e de setores de atividade cuja dimensão e objetivos não se conhece bem, mas que convinha explicar convenientemente, não aconteça que se continue a espalhar verbas por setores sem futuro.

A crise originada pela pandemia constitui “uma oportunidade de fazer algo novo e diferente”, afirmou António Vitorino, Diretor-geral da Organização Internacional das Migrações (OIM).

É importante definir com clareza o que se pretende com as “agendas mobilizadoras para a descarbonização da indústria, reindustrialização e transição digital”, quando de todo o lado, nomeadamente das economias mais desenvolvidas, chegam novas propostas para a sociedade do futuro, que terá de apostar na preservação ambiental, na digitalização, na integração e desenvolvimento das periferias, nos cuidados de saúde e na investigação científica para acorrer às novas epidemias

a que o mundo estará sujeito. É que, pode dar-se o caso – e acontece tantas vezes – de se gastar dinheiro com “elefantes brancos”, projetos sem interesse económico e social que não trazem nem bem-estar, nem desenvolvimento, nem fixam as jovens gerações às terras de origem.

Universidade dos Açores - motor da iniciativa

Esta é uma oportunidade única para debater o nosso destino coletivo e que tipo de sociedade e economia irão resultar neste arquipélago ultraperiférico, estrategicamente valioso, com uma vastidão imensa de ZEE e um espaço aéreo de grandes potencialidades.

Nesta fase das nossas vidas, urge que voltemos as nossas preocupações para a análise das melhores saídas para a crise. Apostemos em alternativas para os setores produtivos e sócio-económicos (pescas, agricultura, agro-indústria, turismo e saúde), coadjuvados pela investigação científica e tecnológica que apontará os caminhos da inovação. Sem descuidar as áreas da educação, qualificação e a formação profissional, o bom desempenho laboral, fatores que permitirão qualificar a atividade produtiva e atribuir justos salários que tornem a sociedade mais equitativa.

O repto que lanço aos governantes locais e regionais e a todos os agentes económicos é este: Vamos repensar o futuro dos Açores. Com todos: académicos, agentes económicos, sindicais, políticos, autarcas, instituições culturais, civis e religiosas – todos quantos se interrogam sobre: que amanhã pretendemos deixar aos vindouros. Como aconteceu nos anos 60, quando José Enes e Cunha de Oliveira, juntamente com um punhado de cidadãos esclarecidos e amantes da sua terra, promoveram as “Semanas de Estudo dos Açores” - um dos embriões da Autonomia.

Está na hora de avançar para esta iniciativa importante e urgente.

A quem deverá caber este projeto e a sua concretização? À Universidade dos Açores, certamente, com apoios das entidades públicas e privadas regionais, nacionais e até europeias.

O funcionamento tripolar da nossa Academia visou responder às diversas vertentes regionais da economia, da ciência e da cultura e o seu percurso relevante de 45 anos na investigação e formação de quadros, dá plenas garantias do êxito deste empreendimento, que assinalará, condignamente, o seu papel relevante na Região e no País.

Espero que esta modesta sugestão não caia em saco roto e que os Açores repensem, seriamente, o seu dever.

O pior que nos pode acontecer é continuarmos a perseguir objetivos que já provaram não produzir resultados satisfatórios. A História não nos perdoaria essa teimosia e incapacidade.

*jornalista c.p. 239 A

<http://escritemdia.blogspot.com>

¹<https://portal.azores.gov.pt>

²jornal on line Observador.pt 21/07/2020